



COIVARA: UMA PRÁTICA SECULAR NO MANEJO AGRÍCOLA INDÍGENA DA ETNIA TUKANO, DA COMUNIDADE SANTA ANTÔNIO DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA/AM

Jurandir Farias Da Silva¹
Gláucio Campos Gomes de Matos²

RESUMO

O artigo apresenta a atividade agrícola conhecida como coivara (cultura itinerante), abordando as práticas de atividades locais e sociais indígenas da comunidade Santo Antônio do município de São Gabriel da Cachoeira – AM. A pesquisa é de ênfase qualitativa, bibliográfica e a experiência de um eu tukano, morador da região, agora na posição de pesquisador. Os achados da pesquisa revelam que a tradição da cultura itinerante se mantém, porém com a incorporação de novos instrumentos de trabalho, a exemplo do machado de ferro, a motosserra, máquina de ralar mandioca entre outros. A preocupação dos antigos recai no uso exagerado dessa tecnologia em provocar desequilíbrio ecológico na região.

PALAVRA-CHAVE: Coivara; Agricultura Itinerante; Etnoconhecimento Tukano; Alto Rio Negro

The article presents the agricultural activity known as coivara (itinerant culture), addressing the practices of local and social indigenous activities of the Santo Antônio community of the municipality of São Gabriel da Cachoeira - AM. The research is of qualitative emphasis, bibliographical and the experience of a I Tukano, resident of the region, now in the position of researcher. The findings of the research reveal that the tradition of itinerant culture remains, but with the incorporation of new work instruments, such as the iron axe, the chainsaw, cassava grating machine among others. The concern of the ancients lies in the exaggerated use of this technology in provoking ecological imbalance in the region.

KEYWORDS: Coivara; Itinerant Agriculture, Etnoconhecimento Tukano, Alto Rio Negro

¹Jurandir Farias da Silva, Mestrando no programa de pós graduação em sociedade cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Email: jurandirfarias20@gmail.com

² Doutor pela UNICAMP; Professor do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia/PPGSCA/UFAM; Orcid: 0000-0003-3464-1781



INTRODUÇÃO

A prática da agricultura coivara no alto Rio Negro é de forma itinerante principalmente na sede de São Gabriel da Cachoeira e nas comunidades em seu entorno. Há uma grande diversidade étnica devido os grupos virem de diversas regiões e calhas do rio Negro, migram para sede do município em busca de melhor educação escolar, saúde e trabalho. Esses, trouxeram, juntamente seus conhecimentos culturais, técnicas de trabalhos e suas tradições. Devido essa densa concentração dos povos indígenas e uma variedade étnica de 23 povos, a cidade São Gabriel da Cachoeira é conhecida como a terra mais indígena do Brasil, com quatro línguas indígenas co-ficiais no município que são o Nheengatú, o Tukano, Baniwa e o Yanomami, segundo (CABALZAR,2006).

Essa técnica da agricultura itinerante é praticada desde os ancestrais do povo tukano e da sociedade indígena pretérita do alto Rio Negro a utilizam para não degradar o solo e a floresta. É um sistema de cultivo que consiste em mudança de local periodicamente juntamente com as plantações (cultura) como a maniva para outra área para evitar a degradação total do solo e a diminuição da produtividade da planta.

Assim vai intercalando o ciclo da abertura da roça em locais que podem ser próximos ou distantes, para facilitar o transporte das mudas para o plantio da nova roça. Em todas roças a mulher tem que plantar variedades de plantações para não correr risco de perder uma certa espécie de planta, em especial as espécies das manivas brancas e amarela, manter o zelo e cuidado durante o plantio pois devido o clima tropical da região a temperatura é muito elevado prejudicando a germinação das plantas. Se houver morte da muda é necessário o replantio da mesma espécie no lugar.

Diante ao exposto, este estudo visa compreender a prática da coivara (cultura itinerante) utilizado pela etnia tukano no alto Rio Negro, onde as populações indígenas, secularmente as contemporâneas têm como sua atividade principal para sua subsistência.

Em viagens ao longo da área indígena, que se denomina Cabeça do Cachorro, se localizam comunidades cuja a prática da coivara é constituinte de seu modo de vida. A fumaça subindo pelo céu no meio da mata verde, uns na beira do rio outros mais distante, é um indicativo que ali há uma atividade agrícola, que em sua maioria é o cultivo da roça, Quando viajamos de barco podemos ver famílias se deslocando rumo às roças, umas vão de motor rabeta outros apenas de canoa aremo. Para os que conseguem



sobrevoar a área, conseguem identificar a roça é o formato de um círculo meio irregular e dependendo da altura da aeronave, identifica-se trilhas meio curvilínea que dão acesso a roça. Esse, ainda é o cotidiano na região do alto rio negro, isto é, cada família ou grupo étnico com seus costumes, conforme sua cultura de lidar com a natureza manejavam o solo conforme seus conhecimentos tradicionais adquiridos dos seus ancestrais principalmente das pessoas conhecedoras da cosmovisão entre a relação homem e natureza um cuidado para si e com a natureza, Matos (2020) registra que o Padre João Daniel, que viveu na Amazônia, especificamente no Rio Negro, de 1741 a 1757 e posteriormente publicou a obra *Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas*, v.I (2004), traz significativas informações sobre a prática da coivara. Nos estudos revelam que os povos amazônicos já utilizavam do solo para sua sobrevivência em um sistema como conhecido como “coivara” popularmente chamado de “roça” aqui na Amazônia (NEVES, 2014). Esse sistema que funciona com o processo de derrubada e queimada do local para dar início ao seu plantio. Plantava-se milho, algodão, mandioca (*Manihotesculenta* Crantz.), guaraná (*Pauliniacupana* Kunth.) entre outros. Essa prática de cultivar o solo, dado o período da colonização, foi incorporada pelos não indígenas, isso que revela as pesquisas Charles Wagley (1988), ao publicar sua obra “Uma Comunidade Amazônica” e mais recente Gláucio Campos (2015), a partir de sua tese de doutorado, a obra “Ethos e figurações na Hinterlândia Amazônica”, que detalha a atividade de Puxirum, Ajuri ou Mutirão, em comunidades amazônicas, no plantio da roça.

Segundo os estudos esse foi o fator que proporcionou o aumento populacional da sociedade amazônica no passado. Por meio desse crescimento, sociedades foram se expandindo migrando para outras regiões, e formavam rede de sociabilidades em territórios muito amplos.

Todos esses processos de manejo do solo feita pela sociedade pretérita da Amazônia ainda pode ser percebida pela populações indígenas que vivem na região do alto rio Negro no estado do Amazonas até os dias atuais, são conhecimento que perpassam de várias gerações.

Assim, o presente trabalho é de ênfase qualitativo, bibliográfico e a experiência de campo de um eu tukano, que contribui com a família no cultivo da roça. Agora, numa posição de pesquisador, destacamos que o estudo referente ao legado deixado pela sociedade remota do alto rio Negro para com a sociedade indígena contemporânea, fortalecer o saber fazer e valoriza as tradições socioambientais.

ETNOCONHECIMENTO DA ETNIA TUKANO



Segundo Posey et al., 1987, apud Matos e Rocha Ferreira (2019, P. 377):

Os índios sobreviveram na Amazônia por milênios. Seu conhecimento de ecossistemas, as relações planta-homem-animal e a manipulação dos recursos naturais desenvolveram-se através de incontáveis gerações, fruto de tentativas e de experiências acumuladas.

Assim para os indígenas do povo tukano o trabalho da roça, a coivara, relatam os antigos que existiu desde a origem da humanidade se intensificou a partir do momento que o homem começou de multiplicar formando família se expandido para outras regiões. Esta técnica foi passado por Ba'asé-boo(criador de alimentos ou deus de alimentos segundo relatos indígenas).

Esse conhecimento tradicional foi sendo repassado de geração para geração até os dias atuais, conforme o Matos e Rocha Ferreira (2019, P. 369):

Antes da chegada do colonizador na região amazônica, toda a formação de seus habitantes (os grupos indígenas) dava-se por meio de uma educação não escolarizada, transmitida oralmente de pais para filhos e compartilhada nas comunidades. Posteriormente, entre o século XVII e a segunda metade do século XVIII, a educação na Amazônia esteve pautada pela orientação religiosa irradiada da Europa.

Antigamente os ancestrais dos tukanos trabalhavam conforme as regras estabelecidas pelo Deus de alimentos. O respeito com a natureza era primordial pois o não cumprimento ou desrespeito das regras do Ba'asé-boo ocasionava doenças ou acidentes durante a execução do trabalho de todas as etapas da realização da roça, isto é, a derrubada, queimada até o plantio da maniva. A transmissão de conhecimento oral foi de extrema importância para a vida das gerações vindouras. O responsável por essa transmissão, é de competência dos anciões ou o pajé de cada aldeia, que detinha também, o conhecimento de benzimento e cosmo adquirido no decorrer da vida ou no ritual de iniciação.

O pajé uma pessoa com nível de conhecimento acima do senso comum da aldeia, era a referência para ser consultado. Segundo a tradição tukano, o pajé é capaz de prevê o destino de uma pessoa e ver o passado para analisar a vida de cada indivíduo. Esse homem sábio, se fortalecia pois mantinha uma interação com os kumuãs (pessoas com conhecimento vasto em benzimento (ba'asesé em língua tukano) bayá (mestre de cerimônias nas festas tradicionais indígenas), que são os pilares fundamentais para reger a vida cotidiana de uma comunidade.

O ancião repassava seu conhecimento para cada membro da aldeia e ele para com sua família, esposa, filhos e filhas, as histórias tradicionais, porém o ancião



restringia alguns conhecimentos pois só a pessoa que tem o ritual de iniciação completa que é capaz de obter totalmente o conhecimento de pajelância, mas, o etnoconhecimento já vinha sendo transmitido desde a infância para que pudessem seguir as regras e sua boa relação com a fauna e a flora.

Perante estes saberes tradicionais a roça era feita a uma distante da outra para que a floresta tivesse uma boa recuperação e era feita em período diferente do ano conforme suas estações. Quando do verão longo era feita a roça de mata primária ou mata virgem e no verão de duração curto, era feita na mata secundária ou capoeira. Geralmente no verão longo eram feitas duas roças ao mesmo período, uma de mata virgem e outra de capoeira pois a roça de mata virgem possui árvores robustas e grandes que demoram a secar os galhos e os troncos e requer mais tempo de espera para a queimada. Já o plantio e a mata de capoeira por ser ligeiro na secagem das árvores requer menos tempo para queimada e plantio, crescimento da maniva e o período de colheita da mandioca, (REVISTA ARU, 2018, pg17).

Para Nery,

A agricultura tradicional pode ser vista como um processo em duas grandes etapas: a transformação do espaço, a escolha do local a roçagem (broca), a derrubada, a queima, plantio, campina e colheita dos produtos plantados e a disposição neste espaço de uma diversidade de plantas que se destinam a finalidade alimentícia. (NERY, 2018, pg17)

Segundo este argumento Matos (2015) afirma, Para cultivar a mandioca e outras culturas, é prática do Amazônida derrubar a mata e posteriormente queimar.

No entanto, na área indígena dos tukano de São Gabriel da Cachoeira, os antigos olham com pesar que esses conhecimentos estão sendo esquecidos, não estão sendo praticados, principalmente depois que houve uma intensa relação com as sociedades não indígenas e seus modelos de conhecimentos, passados por meio das escolas institucionalizadas. Neste mundo contemporâneo não há mais boa relação entre o homem e floresta, a ação antrópica tem provocado desequilíbrios ambientais.

Para o povo tradicional tukano a forma de trabalhar sempre foi em coletivo ou ajuri, como é conhecido = no alto Rio Negro. Essa forma de trabalho coletivo, está no pilar da origem da humanidade conforme relatos de histórias tradicionais contados pelos anciãos do povo tukano e demais etnias da família lingüística do tronco tukano. Relatam que o Deus do alimento o Ba'asé-boo quando fez a primeira roça do mundo reuniu todos os seres vivos da terra, os animais e os seres humanos com essa força conjunta do ajuri que foi feita a primeira roça conforme, (REVISTA ARU, 2018, pg30).



VII EPPAC
 ENCONTRO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A PAN-AMAZÔNIA E CARIBE

**TEMA: REFLEXÕES SOBRE UMA EPISTEME
 AMAZÔNICA E CARIBENHA**

Dias 16 e 17 de outubro de 2023
São Gabriel da Cachoeira-Am-Brasil

Realização
 GPO SSS Grupo de Pesquisa
 Questão Social
 e Serviço Social
 Diretório do CNPQ dos Grupos de Pesquisa no Brasil

www.eppac.com.br

O ciclo agrícola começa com a derrubada de uma mata madura (primária) pelos homens iniciada meses antes da queimada, por volta de setembro – outubro.

Assim são criadas pequenas clareiras, geralmente com menos de um hectare. A derrubada principal acontece em forma de mutirão, depois o marido da dona da roça continuará derrubando sozinho (VAN DER VELD, 2018, pg30)

Nos dias atuais ainda o ajuri é realizado na comunidade indígena principalmente no trabalho comunitário tanto na limpeza do perímetro da comunidade quanto no trabalho da roça comunitária. Para realizar ajuri para a particular a pessoa pede permissão para o líder da comunidade realizar ajuri com toda a comunidade ou apenas com número reduzido de pessoas convidados por ele. Quando é feito com toda a comunidade o trabalho é dividido: as mulheres vão para trabalho de capina ou de plantio de maniva, isso depende muito do tipo do ajuri de cada dono da roça, os homens fazem o trabalho da realização da roça, roçagem e a derrubada.

No plantio da roça é feito sobre orientação da mulher dona da roça, ela toma decisão de como que seja a sua roça, uma roça só de mandioca (*Manihotesculenta* Crantz.), branca ou amarela ou ambas a mandioca nesse caso ela delimita a área de mandioca branca, outra de amarela ou intercala em fileiras, isso afeta na produção e qualidade do produtos do derivado da mandioca, caso ela que produzir farinha ela vai na roça de mandioca amarela, para produção de goma (tapioca) vai na roça de mandioca amarela em meio essas manivas são plantados diversos tipos de plantaço como pupunha, banana (*Musa paradisíaca* L.) cana-de-açúcar, abacaxi (anãs comosus), cucura (*pouroumocecropiifolia*), cará (batata), que são plantas mais cultivadas na roça indígena tukano e demais etnias.

Nas roças indígenas se encontra uma ampla variedade de plantas que são cultivadas em consórcio, sendo a principal a mandioca (*Manihotesculenta* Crantz.), que pode ocupar mais de 95% da roça. Os indígenas preferem mais a mandioca brava, venenosa por ser mais resistente as pragas e mais vigorosa (VAN DER VELD, 2018, pg30)

TECNIZAÇÃO NA VISÃO DO POVO TUKANO

Segundo Elias (2006), Tecnização é o processo que, à medida que avança, permite que se aprenda a explorar objetos inanimados, cada vez mais extensamente, em favor da humanidade, manejando-os e os processando, na guerra e na paz, sobretudo na expectativa de uma vida melhor. (p. 35)



Nossos ancestrais utilizavam o machado de pedra para fazer a roça, dandogolpes de machado de pedra na casca da árvore para poder a árvore morrer, secar e com tempo cair no chão. Esse processo era muito demorado e diante deste fato o trabalho de ajuri sempre foi a forma mais utilizado no tempo pré-colombiano até a invasão dos europeus e a chegada dos missionários aqui no alto Rio Negro em meados da década 20 conforme Matos(2015):

Em uma época pretérita, antes do machado de aço, o machado de pedra (foto a baixo) foi a ferramenta utilizada pelos indígenas para prepararem a área. Embora resistentes, dado sua estrutura ser compostas por minerais, entre eles o ferro e o manganês, é pouco provável que derrubasse uma árvores com 1,75m de circunferência a altura do peito. Dessa forma é pelas informações do Sr. C. M. e do Sr. Humberto Gonçalves de 89 anos, nascido em Samauma, distrito de Marabitana, alto Rio Negro/São Gabriel da Cachoeira e do Sr. João Moura Lopes, 69 anos da comunidade da Ilha das Flores, do rio Waupês de São Gabriel da Cachoeira, a relatarem e não só eles, que a técnica do uso do machado se fazia escarificando em forma circular toda a circunferência da árvore, denominado anel de Malpighi, ou seja, danificando principalmente floema e com o aprofundamento o xilema,condutores da seiva da planta. Interrompendo esse fluxo circulatório a árvore falecia. Quando no ponto, era queimada e na sequência tombavam umas sobre as outras. Dessa forma se encontra alicerçada nas práticas tradicionais, o cultivo da mandioca pelos não índios. Hoje o indígena abandonou o machado de pedra, incorporou o machado de aço e na sequência a motosserra em seu trabalho para o plantio da mandioca. (MATOS, 2015, pp. 208/209)

Atualmente com a incorporação de novas tecnologiasocidentais, houve a transição dos artefatos indígenas para os instrumentos de trabalho do homem do velho mundo como o machado de aço, terçado entre outras ferramentas, os indígenas trocaram o artefatos improvisado(no olhar ocidental) para ferramenta modernas da idade dos metais facilitando e reduzindo os dias de trabalho que antes era realizado em longo dias ou meses de trabalho. Atualmente, com avanço tecnológicoquem pode, adquirir a motosserra para realizar trabalhos de derrubada mais rápidos.

Nos utensílios domésticos é possível observar a troca de utensílios cerâmicos para de alumínio, panela de cerâmica para panela de alumínio, forno de cerâmica para forno de metal. O ralador feito de prancha madeira e pedrinhas afiadas deixou o lugar para o ralador mecânico conhecido como caititu aqui na região devido o caititu ser animal selvagem devorador de mandioca, é o que identifica Matos (2015), nesse processo de tecnização que avança pela Amazônia, sendo incorporada por indígenas e não indígenas.

A embarcação feita com pedaços de tronco de árvore conhecida regionalmente como canoa cedeu o lugar para bote de alumínio conhecido aqui na regiãoSão Gabriel da Cachoeira por de voadeira, devido sua velocidade em movimento, o remo de madeira passou o lugar para o motor de popa e motor rabeta, mas porém o remo é indispensável estar presente em todos tipos de embarcação seja de madeira ou de alumínio devido sua função de ser utilizada no momento emergencial e pela população de baixa renda que



utilizam o remo para atravessar no rio a caminho da roça e muito utilizado também durante a atividade da pescaria.

Diante deste contexto, neste mundo globalizado com avanço tecnológico a cada dia onde se encontra em pleno processo de difusão, um fator de grande potencial para a sociedade, tornando assim um dilema para os povos indígenas, pois com a introdução dos aparatos tecnológicos, está modificando notavelmente a cultura indígena, a cada dia seus costumes estão sendo esquecidos por nova geração de hoje. “Pinceladas de luz na Floresta Amazônica” (AZEVEDO, 2007, p.44). Mas, podemos dizer, que essa é uma visão romantizada, no qual o autor não leva em consideração os agentes que necessitam, usufruem dos artefatos e colocam em curso, segundo Norbert Elias (1994), a força oculta do processo cego.

Outras questão, quanto à utilização dessas novas tecnologias de trabalho, no contexto da agricultura da coivara, a preocupação do povo tukano e demais etnias do alto Rio Negro que as novas gerações possam utilizar essas ferramentas de maneira descontrolada, afetando as relações ecológicas. Com acesso a informações provindo da internet, televisão e outros meios de comunicação é possível dos acontecimentos que ocorrem com nosso país e o mundo. Diante desses fatos a preocupação dos anciãos da comunidade aumenta pois os maquinários modernos do homem ocidental está devastando as florestas em outras regiões do Brasil, os latifundiários cada vez aumentando seus hectares de terra tanto na agropecuária quanto na agricultura desmatando floresta afetando diretamente a fauna e a flora. Os resultados desses fatores sobre caíram ao próprio homem porém quem mais sofre é a população mais especificamente a da classe social baixa entre eles os indígenas, afro-descendentes que ficam vulneráveis na situação precária de sobrevivência, sem terra para cultivar e morar, poluição dos mineradores dificulta o consumo de água diretamente dos rios e igarapés, escassez de caça e pesca, todo ecossistema é afetado, resultando em catástrofes naturais, mudanças climáticas, aumento de temperatura, o aquecimento global que eleva o nível do mar decorrendo da própria ação humana.

Diante destes acontecimentos atuais com o mundo os anciãos do rio negro preocupam com sua região onde moram, temem que possa acontecer a mesma coisa nas comunidades onde moram, a mesma situação que de fato já está acontecendo com os parentes residentes em outro estado, essas circunstâncias os deixam em alerta por isso repassam o conhecimento de que usufruem da terra e da floresta apenas para sua subsistência não agredindo a mãe natureza.

Mas, o maior dilema da região, é que a incorporação das novas ferramentas de trabalho no alto Rio Negro trouxe melhoria e facilitou no cotidiano do homem rionegrino. Possibilitou a realizar trabalhos ligeiros, facilitou no trabalho da roça principalmente na derrubada da roça, que nos tempos remotos, a sociedade pretérita do rio negro, utilizavam a ferramenta de trabalho o machado de pedra.



Esse tempo, não pode deixar de relatar, que o trabalho era realizado com cautela com a floresta. Okumu(benzedor) de cada aldeia realizava o procedimento de benzimento expulsando os espíritos da natureza, que podiam causar acidentes contra o homem durante o trabalho ou podendo adquirir doenças durante a derrubada das árvores pois as crenças dos povos indígenas é de que a floresta tem vida tem seus protetores. Na densa floresta, a tradição indígena, crê que há casa desses espíritos protetores da floresta, pois quando o homem derruba a árvore está agredindo esse espírito para proteger aqueles que trabalhavam, obenzimento era essencial. Com já foi dito acima, embora o tempo era muito demorado para a realização da derrubada da mata para a formação da roça devido o machado de pedra não cortar o troco da árvore apenas macerar a casca da árvore e esperar o longo período de tempo para árvore cair ao chão.

Nos tempos atuais, a situação mudou, encurtou o tempo e a relação homem e meio ambiente, segundo Matos (2015), se modificou. O machado de metal do colonizador europeu e trazido pelos missionários aqui no alto Rio Negro agilizou na derrubada da roça pois o machado de metal tem gume amolado e resistente que corta com facilidade o tronco da árvore atualmente com a fabricação da motosserra tornou se mais ligeiro para fazer roça. O trabalho que seria feito em dias é reduzido em horas para ser concluído.

AGRICULTURA ITINERANTE

Já mencionado acima, a dinâmica da prática da cultura itinerante é sua rotatividade. A terra geralmente é trabalhada por até 3 anos dependendo do terreno, se é de mata virgem ou secundária. Quando termina de consumir toda a mandioca de uma área, abre-se roça em outro local, ficando em repouso o anterior, para recuperação, que é o crescimento da vegetação secundária, por três ou mais anos, quando é feita nova roça nesse local e assim o ciclo do trabalho vai seguindo. Os indígenas plantam uma variedade de espécies, a exemplo de pupunha, umari, pois seus frutos atraem animais como, paca, cutia, anta que facilita a caçaria do povos originários, é o que pode ser identificado nos registros do Sistema agrícola Tradicional do rio Negro:

No segundo ano, uma vez as manivas bem desenvolvidas, são plantadas fruteiras (abiu, caju, ingás, cucura, cupuaçu etc.), desenhando já outro horizonte de produção para os dez próximos anos. Algumas frutíferas imponentes como o umarizeiro ou o ucuquizeiro são espécies florestais que indicam a presença de roças antigas. As frutíferas, plantadas na maioria das vezes pelo esposo ou os filhos, marcam o início da reconquista do espaço por espécies arbóreas domesticados, que progressivamente se entremearão às espécies silvestres da regeneração florestal, fechando o ciclo roça-floresta. (DOSSIÊ DE REGISTRO, O SISTEMA AGRÍCOLA TRADICIONAL DO RIO NEGRO, 2010, P.64)



A escolha do local para fazer a roça é escolhida conforme o terreno onde tenha a terra firme local que possa atribuir o bom crescimento das plantas no caso para plantação de maniva o ideal é o terreno de terra firme , para plantação de banana local que tenha um igarapé ou terreno argiloso e para a plantação de abacaxi é o terreno com solo arenoso assim registrado no dossiê de regitro do ipham:

Canas-de-açúcar, bananas e abacaxis constituem o segundo grupo de plantas a ser repassado na roça após as manivas. Estacas, brotos ou filhotes de abacaxis ou de bananeiras tinham sido preparados na roça anterior. Os abacaxis são plantados nas partes mais arenosas, as bananas nas mais argilosas e mais bem queimadas da roça (Foto 6).O plantio será completado somente no final do primeiro ano para não competir com as manivas. Fileiras de abacaxis marcam os limites entre roças da mãe, das filhas ou das noras (Foto 7). A atual importância desta planta pode ser relacionada ao uso mencionado, mas não observado, da garapa de abacaxi, como fonte de açúcar.

Após aparecimento das ervas daninha é realizado a primeira capina da roça depois periodicamente é feito até o ponto da maturação da mandioca para o consumo ou seja para produzir os derivados da mandioca. No momento da primeira colheita da mandioca ainda é replantado no mesmo local pois ainda é possível aproveitar a coivara com as árvores que não queimaram totalmente na queima da roça. Na roça da mata virgem é possível realizar o replantio das manivas até três vezes ou mais dependendo do cuidado com o solo e roça da mata secundaria a capoeira é possível replantar apenas uma vez pois o solo deste terreno estava em recuperação e o nutriente do solo ficam escassos rapidamente porque precisava de tempo mais prolongado para boa recuperação da floresta, para roça terciário o roçado solo pobre é indicado só o primeiro plantio. Assim vai procedendo sucessivamente o ciclo da agricultura itinerante dos povo tukano no alto Rio Negro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa mostrou que a pratica da coivara é a base da agricultura de populações amazônicas indígenas no Alto Rio Negro. A prática do plantio da mandioca, ainda mantém uma tradição secular da cultura itinerante e da ajuda mútua, ou ajuri, como é conhecido. O ajuri, trata de uma figuração de interdependência funcional e mostra-se enfraquecido, em decorrência do processo civilizador ocidental, que desencadeou a individualização e incrementou o diferencial social. Porém, sua prática



não deixou de acontecer apenas uma questão de adaptar à nova evolução tecnológica e manter as tradições seculares que ainda perduram no alto Rio Negro

REFERÊNCIAS

ARU, Revista de Pesquisa Intercultural da bacia do rio negro, Amazônia, Abril, 2018 n°2.

ARU, Revista de Pesquisa Intercultural da bacia do rio negro, Amazônia, Abril, 2019, n° 3.

AZEVEDO, Walter Ivan de. Pinceladas de luz na floresta Amazônica. São Paulo: paulinas, 2007.

CABALZAR, A. & RICARDO, C.A. 2006. Povos indígenas do Rio Negro: uma introdução à diversidade socioambiental do noroeste da Amazônia brasileira. São Paulo, ISA/FOIRN.

DOSSIÊ DE REGISTRO DO SISTEMA AGRÍCOLA TRADICIONAL DO RIO NEGRO

DANIEL, João. Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas, v.I/ Rio de Janeiro, Contraponto, 2004

Elias, N. Tecnização. In: Neiburg, F.; Waizbort, L. (Org.). Estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. Cap. 2, p.35-68. (Escritos e Ensaios, v.1)

MATOS, G.C. G Ethos e Figuração a Hinterlândia Amazônica, Ed valer Manaus, 20015

MATOS, G. C. G. e ROCHA FERREIRA, M. B., Educação em Comunidades Amazônicas, In.: Rev. educ. PUC-Camp., Campinas, 24(3):367-383, set./dez., 2019

NEVES, E.G. Arqueologia, história indígena e o registro etnográfico: exemplos do alto rio Negro. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, Suplemento 3: 319-330, 1999

Povos Indígenas do Rio Negro : uma introdução à socioambiental do noroeste da Amazônia brasileira / Aloísio Cabalzar, Carlos Alberto Ricardo editores. -- 3. ed. rev.. -- São Paulo : ISA - Instituto Socioambiental ; São Gabriel da Cachoeira, AM : FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2006